

A crise econômica na França*

Karl Marx

Londres, 12 de fevereiro de 1858.

Sem argumento que se possa requerer para provar a precariedade do título de poder pelo qual Luís Napoleão se intitula Imperador da França, ele deve ser seriamente afetado pelo auge, na França, da crise comercial que já mostrou sua fúria em outras partes do mundo. Os sintomas deste ápice são agora principalmente encontrados na condição do Banco da França e dos mercados franceses de produtos agrícolas. Os retornos do Banco para a segunda semana de fevereiro, comparando-se com aqueles da última semana de janeiro, exibem as seguintes características:¹

Queda na circulação	8.766.400 francos
Queda nos depósitos	29.018.824 francos
Queda de descontos no Banco	47.746.641 francos
Queda de descontos nas agências	23.264.271 francos
Total de queda nos descontos	71.010.912 francos
Aumento nas contas vencidas	2.761.435 francos
Aumento em metal	31.508.278 francos
Aumento nos prêmios sobre compra de ouro e prata	3.284.691 francos

Em todo o mundo comercial a reserva metálica dos bancos tem aumentado enquanto a atividade do comércio tem diminuído. Na mesma proporção que a vida industrial se enfraquece, a posição dos bancos tem se fortalecido; e até agora, o metal aumenta na caixa-forte do Banco da França parecendo um mero exemplo do fenômeno observado aqui em Nova Iorque, bem como em Londres e Hamburgo. Há, ainda, uma característica distinta do movimento do metal na França, isto é, o aumento para a quantia de 3.284.691 francos do prêmio sobre as compras de ouro e prata, enquanto que a soma total gasta desta forma pelo Banco da França para o

* Do original "The Crisis in Europe", título de acordo com primeira publicação no *New York Daily Tribune*, nº 5270, de 12/3/1858, como editorial. Traduzido, por Paulo Barsotti, do original "The economic crisis in France". Revisão de Jair Pinheiro.

¹Aqui e a seguir ver "Situation de la Banque de France et sus sucursales", *le Moniteur Universel*, nºs 15 e 43, 15/1 e 12/2/1858.

mês de fevereiro atinge o montante de 4.438.549 francos. A gravidade deste fato se torna evidente a partir da seguinte comparação:

**Prêmios pagos pelo Banco da França sobre
as compras de ouro e prata**

Fevereiro-1858	4.438.549 francos
Janeiro-1858	1.153.858 francos
Dezembro-1857	1.176.029 francos
Novembro-1857	1.327.443 francos
Outubro-1857	949.656 francos
1º de janeiro a 30 de junho de 1856	3.100.000 francos
1º de julho a 11 de dezembro de 1856	3.250.000 francos
1º de julho a 31 de dezembro de 1855	4.000.000 francos

Assim, vemos que o prêmio pago em fevereiro para obter um aumento artificial temporário na reserva de metal do Banco importa numa soma quase igual àquela gasta para o mesmo propósito durante os quatro meses de outubro de 1857 a janeiro de 1858, e excede a massa dos prêmios semestralmente pagos durante os anos de 1856 e 1855; enquanto que a quantia total de prêmios pagos de outubro de 1857 a fevereiro de 1858 atingindo a soma de 9.045.535 francos excede em quase uma vez e meia o prêmio pago durante todo o ano de 1856. A despeito desta aparente plethora, a reserva metálica do Banco está, conseqüentemente, mais fraca do que nos últimos três anos. A partir daqui, o Banco sendo encarregado de metal, o influxo é apenas artificialmente elevado ao seu nível necessário. Este simples fato prova imediatamente que na França a crise comercial ainda não entrou na fase já ocorrida nos Estados Unidos, Inglaterra e Norte da Europa. Na França, uma depressão geral do comércio existe, como demonstrado pelo decréscimo simultâneo na circulação e nos descontos; mas a quebra ainda está pendente, como demonstra o decréscimo nos depósitos simultaneamente com o aumento do prêmio sobre o metal comprado e das contas vencidas.

O Banco também tem sido forçado a anunciar que uma grande parte de suas novas ações, cujas prestações não têm sido devidamente pagas, serão vendidas. Ele também foi convertido pelo governo no contratante geral das ferrovias da França e compelido a fazer, dentro de períodos fixos, grandes adiantamentos às companhias ferroviárias – os quais sozinhos importaram em janeiro e fevereiro, na quantia de 50 milhões de francos. É verdade que em retorno por estes adiantamentos ele recebeu títulos das companhias que se vende quando puder. O momento atual, contudo, é peculiarmente desfavorável a esta venda, e os retornos semanais das ferrovias,

testemunhando uma constante queda nas receitas, estão longe de garantir quaisquer expectativas otimistas nesta direção. Para o mês de janeiro, por exemplo, o Orleans apresentou um declínio de 21%; o Eastern, de 18%; o Lyons de cerca de 11%, e o Western de 14%, comparado com as receitas correspondentes em 1857².

É um fato bem conhecido que a resistência, tanto do vendedor como do comprador, contra uma mudança de preços baixos para elevados, e ainda mais de preços elevados para baixos, é sempre muito considerável; e que frequentemente ocorrem em intervalos, de duração maior ou menor, durante os quais as vendas são intensas e os preços nominais, até que, por fim, a tendência do mercado se declara de uma forma ou de outra com força irresistível. Tal conflito transitório entre possuidores e compradores de mercadorias não é nada extraordinário; mas esta contenda prolongada, que dura desde o começo de novembro até hoje, entre os mercadores e consumidores franceses, é talvez sem paralelo na história dos preços. Enquanto a indústria francesa está estagnada, grande número de trabalhadores desempregados, e os recursos de todos restringidos, os preços que declinaram em toda parte a uma média de 30% a 40%, são ainda mantidos na França numa faixa especulativa do período que antecede à crise geral. Se nos perguntarem através de que meios este milagre econômico tem operado, a resposta é simplesmente que o Banco da França, sob pressão do governo foi, por duas vezes, obrigado a renovar as contas e os empréstimos que estavam vencidos, e que desta forma, mais ou menos diretamente, os recursos do povo francês, acumulado nas caixas-fortes do Banco, têm sido empregados para manter os preços inflados contra o próprio povo. O governo parece imaginar que através deste processo excessivamente simples de distribuição de notas bancárias onde quer que elas sejam procuradas, a catástrofe pode ser definitivamente afastada. Entretanto, o resultado real desta maquinação tem sido, de um lado, um agravamento da pobreza da parte dos consumidores, cujos recursos reduzidos não corresponderam à diminuição dos preços; de outro lado, uma enorme acumulação de mercadorias nos entrepostos alfandegários que, quando finalmente, como devem ser, forcem o mercado, entrarão em colapso por seu próprio peso. O seguinte relatório extraído de um jornal oficial francês sobre as quantidades comparativas de mercadorias armazenadas nos entrepostos alfandegários franceses no final de dezembro de 1857, 1856 e 1855, não deixará dúvidas quanto ao violento auto-ajuste de preços que ainda se apresentará no futuro para a França.³

² *The Economist*, nº 754, 6/2/1858.

³ Idem (o correspondente de Paris disse que a informação foi obtida por ele “num jornal oficial”).

	1857	1856	1855
Cacau	19,419	17,799	10,188
Café	210,741	100,758	57,644
Algodão	156,006	76,322	28,766
Cobre	15,377	1,253	3,197
Estanho	4,053	1,853	1,811
Ferro fundido	132,924	102,202	76,337
Sementes oleaginosas	253,596	198,982	74,537
Sebo	25,299	15,292	11,276
Índigo	5,253	2,411	3,783
Lã	72,150	31,560	38,146
Pimenta	23,448	18,442	10,682
Açúcar (colonial)	170,334	56,735	55,387
Açúcar (estrangeiro)	89,607	89,807	71,913

Obs.: Unidades de peso igual a 100 Kg.

No comércio de grãos, contudo, a contenda já terminou com conseqüências desastrosas para os proprietários. Mais ainda, suas perdas são de longe menos importantes que a condição geral da população agrícola da França na presente conjuntura. No encontro recente de agricultores franceses foi afirmado que o preço médio do trigo para toda França era de 31 francos e 94 centavos o hectolitro (cerca de 2 3/4 alqueire⁴) no final de janeiro de 1854; 27 francos e 9 centavos no mesmo período em 1855; 32 francos e 46 centavos em janeiro de 1856; 27 francos e 9 centavos em janeiro de 1857 e 17 francos e 38 centavos em janeiro de 1858. A conclusão unânime a que se chegou foi:

Esta situação dos preços deverá ser desastrosa para a agricultura francesa e que ao preço médio atual de 17 francos e 38 centavos, os produtores em algumas partes da França têm uma margem de lucro extremamente estreita, enquanto que em outras partes sofrem um sério prejuízo.⁵

Poderia se pensar que num país como a França, onde a maior parte do solo pertence aos próprios cultivadores, e somente uma porção relativamente pequena do produto total encontra seu caminho para o mercado, uma superabundância de grãos deve ser considerada uma bênção e não uma praga. Entretanto, como Luís XVIII nos disse num discurso em 30 de novembro de 1821: “Nenhuma lei pode evitar a

⁴ Medida de cereal etc., correspondente a 36,361.

⁵ *The Economist*, nº 755, 13/2/1858.

desgraça que resulta de uma colheita superabundante.”⁶ O fato é que a ampla maioria do campesinato francês é apenas proprietário nominal – os credores hipotecários e o governo são os proprietários reais. Se o camponês for capaz de satisfazer os pesados compromissos que recaem sobre a sua estreita faixa de terra, dependerá não da quantidade, mas do preço de seu produto.

A ruína agrícola, considerada junto com a depressão do comércio, a estagnação da indústria e a catástrofe comercial ainda em suspenso, tende a mergulhar o povo francês naquele estado de espírito no qual eles estão acostumados a embarcar em novas aventuras políticas. Com o desaparecimento da prosperidade material e de seu complemento costumeiro de indiferença política, todo o pretexto para o prolongamento para o Segundo Império também desaparece.

⁶ Discurso de Luís XVIII na Câmara dos Deputados em 1821, *le Moniteur Universal*, nº 335, 1/12/1821.